

Rainer Guldin

Jude sein – Being Jewish – Ser Judeu¹

Jude sein bedeutet, Modelle vorzuschlagen und danach zu leben. Für diejenigen, die mit beiden Füßen auf dem soliden Boden der Realität stehen, sind die bodenlosen und daher nach Modellen lebenden Juden ein Dorn im Auge. Flusser sieht darin einen der Hauptgründe für den Antisemitismus. An verschiedenen Stellen hat er auf den zweifachen Ursprung der westlichen Kultur hingewiesen, auf deren doppelte, jüdisch-christliche und griechische Ausformung. Die beiden Momente stehen dabei in einem komplementären, aber auch konflikthaften Verhältnis zueinander, wobei das Jüdische oft in die Rolle des Verlierers gezwungen worden ist und dies zu Unrecht.

In Flussers Augen ist die modellhafte Lebenspraxis der Juden letztlich allen griechischen Theorien überlegen. Diesem Gegensatz begegnet man auch in seiner Kommunikologie. Dort stellt Flusser zwei grundsätzliche Dialogformen einander gegenüber. Der griechische Kreisdialog, der sich um eine leere Mitte herum abspielt, interessiert sich vor allem für die Theorie, für Ideen und neue Informationen. Ganz anders der jüdische Netzdialog. Hier stehen das existentielle Problem des Todes und der Absurdität des Lebens sowie das Verhältnis zum anderen im Mittelpunkt. Bei einer jüdischen Kommunikationstheorie geht es weniger darum, Ideen sichtbar zu machen, als auf die Stimme des anderen hören und zu antworten. Erkenntnis ist hier stets mit der Anerkennung des anderen und der Selbsterkenntnis im anderen verbunden. Eine Synthese der beiden Momente ist im Laufe der Geschichte des Westens nicht zustande gekommen. Die weitaus erfolgreichere griechische Dialogform, die Flusser mit den Errungenschaften der Wissenschaften in der Neuzeit und Moderne verbindet, hat darüber hinaus verhindert, dass man sich nachhaltig mit dem Netzdialog beschäftigte. Gerade im Zusammenhang mit den neuen Medien wäre es aber nötig, die verborgene jüdische Tradition wiederzuentdecken und fruchtbar zu machen: ein Sokrates des Telefonnetzes ist vonnöten.

Being Jewish means proposing models and living by them. For those who have both feet on the solid ground of reality, the Jews, who are not on firm ground (*bodenlos*) and thus live according to models, are a thorn in their side. Vilém Flusser sees this as one of the main reasons for

¹ First published in *Flusseriana, An Intellectual Toolbox*, ed. by S. Zielinski and P. Weibel. Minneapolis:Univocal: 74-77. We thank the editors for the possibility to republish these texts in the present issue of *Flusser Studies*.

antisemitism. At various points in his works, he refers to the dual origin of Western culture, to its formation from Judeo-Christian and Greek traditions. These two aspects stand in a complementary, but also conflict-laden relationship to each other, whereby the Jewish part has often been forced into the loser's role, unjustly.

In Flusser's eyes, the model-based practice of life of the Jews is ultimately superior to all Greek theories. One also finds this antithesis in his communicology, where Flusser juxtaposes two fundamental forms of dialogue. The Greek circular dialogue, which takes place around an empty center, focuses above all on theory, ideas and new Information. The Jewish network dialogue is quite different: Here the existential problem of death and the absurdity of life, as well as the relationship to others, are at the center. A Jewish theory of communication is less concerned with making ideas visible, and more with listening to the voice of the other and responding. Here knowledge is always connected with acknowledging the other and recognizing knowledge of oneself in the other. A synthesis of these two aspects has not come about in the course of Western history. The far more successful Greek dialogue form, which Flusser associates with the achievements of science in the modern era, has, moreover, prevented any sustained work on the network dialogue. Particularly in the context of the new media, however it becomes necessary to rediscover the hidden Jewish tradition and make it productive: We need a Socrates of the phone network-a combination of circular dialogue and network dialogue.

Ser Judeu significa sugerir modelos e viver segundo eles. Para aqueles que têm os pés firmados no sólido chão da realidade, os judeus sem fundamento - e que por isso vivem segundo modelos - são como um cisco no olho. Vilôm Flusser vê nisto a principal razão do antissemitismo. Ein diferentes passagens de sua obra, ele fez referência à dupla origem da cultura ocidental, sua formação judaico-cristã e grega. Ambos os momentos justapõem-se entre si, em uma relação complementar, mas também conflituosa, na qual o momento judaico foi amiúde injustamente derrotado.

Aos olhos de Flusser, a práxis de vida modelar dos judeus é, em última instância, superior a todas as teorias gregas. Esse contraste encontra-se também em sua comunicologia, em que Flusser contrapõe duas formas fundamentais de diálogo. O diálogo grego em círculo, que se desenrola em torno de um centro vazio, foca-se sobretudo em teorias, ideias e novas informações. Inteiramente diferente é o diálogo judaico em rede; neste, ocupam posição central, tanto o problema existencial da morte e a absurdidade da vida, como a relação com o outro. Em uma teoria da comunicação judaica, trata-se menos de tornar ideias visíveis do que de ouvir e responder à voz do outro. O conhecimento é aqui sempre conectado ao reconhecimento do outro e ao autorreconhecimento no outro. Uma síntese entre os dois momentos ainda não se deu no decorrer da história do

ocidente. A amplamente exitosa forma dialógica grega, que Flusser liga às realizações das ciências na modernidade, impediu, além disso, que nos ocupássemos continuamente do diálogo em rede. Precisamente em conexão com os novos meios, seria necessário redescobrir a tradição judaica latente e torná-la frutífera: faz-se necessário um Sócrates das redes telefônicas - diálogo em círculo e diálogo em rede.